

CERQUERA (Paulo de Oliveira Castro). — *Um século de ópera em São Paulo*. São Paulo, 1954. 328 págs. e mais 98 s/núm., com fotografias.

Na fase da historiografia brasileira em que nos encontramos, os livros-fontes, destinados à divulgação de documentos ou de elementos informativos, assumem uma importância capital. Sobre eles deverá posteriormente ser escrita a verdadeira história do Brasil. Dessa maneira, muitas vezes injustamente, desaparecem quase por completo os nomes daqueles que, com paciência beneditina, recorreram às fontes, remexeram arquivos, manusearam jornais velhos, na preocupação altamente louvável de contribuir para o maior conhecimento das coisas de nossa terra. Tais considerações vieram-nos à mente a propósito do livro *Um século de ópera em São Paulo*, recentemente publicado pelo dr. Paulo de Oliveira Castro Cerquera, em luxuosa edição particular do próprio autor. Sim, porque é justamente como livro-fonte que preferimos apreciar o imenso trabalho de pesquisa realizado pelo dr. Cerquera. O Autor recorreu a tudo quanto esteve ao seu alcance — arquivos, jornais antigos, coleções particulares — para exumar os elementos preciosos e indispensáveis para a história do teatro lírico em São Paulo. Não obstante terem-se efetuado apenas em 1874 os primeiros espetáculos líricos em nossa Capital, as pesquisas do Autor abrangeram um período de cem anos. “Foi interessante constatar — diz o Autor — que o público paulistano estava preparado para assistir a óperas por meio de algumas peças teatrais que as antecederam e da audição dos trechos principais em concertos”. No período anterior a 1874, dificilmente São Paulo poderia assistir à encenação de uma ópera, pela falta de um teatro adequado. A inauguração, a 23 de agosto de 1873, do Teatro Provisório, abriu novas perspectivas para a vida musical paulistana, apesar de todas as deficiências do velho teatro. “A história do teatro lírico em São Paulo prende-se, desde o principio, à história da cidade. A ópera não foi imposta ao gosto e aos hábitos dos paulistanos; ela surgiu, na sua forma característica de espetáculo completo, como consequência lógica das representações dramáticas entremeadas de páginas musicais e dos concertos de canto, que mereciam as predileções do público em plena época imperial” (pág. 1).

A primeira temporada lírica realizada em São Paulo data, como já assinalamos, de 1874. Um reduzido grupo de cantores, sob a direção de J. Ferri, incumbiu-se de iniciar os paulistanos na arte operística, interpretando, no velho Teatro Provisório, alguns trabalhos de Verdi, Bellini e Donizetti. Estávamos em plena época romântica, a ópera italiana havia atingido seu ponto culminante e dentro da escola italiana, o nome de Verdi já se impunha como o maior compositor da Península. O repertório dessa primeira temporada de 1874 incluía 4 óperas de Verdi (*Attila*, *Ernani*, *La Traviata* e *Il Trovatore*), 2 de Donizetti (*Lucia de Lammermoor* e *Lucrezia Borgia*) e 1 de Bellini (*Norma*), portanto, os pontífices máximos da ópera italiana de então. (Deve-se notar que foi essa a única vez que a ópera *Attila* foi cantada em São Paulo...). A partir dessa época, o livro do dr. Cerquera indica todas as temporadas líricas, oficiais e particulares, realizadas em nossa Capital, até a última, em 1951, com informações precisas quanto ao elenco artístico e ao repertório. O Autor divide a história do teatro lírico em São Paulo em diversas fases: uma primeira, de caráter experimental, com apenas 3 tempo-

radas (duas no “Provisório” e uma no “S. José”), realizadas em 1874, 1875 e 1876. Uma segunda fase, de 1879 até 1889, com oito temporadas, tôdas no “S. José”. Nessa fase teve lugar, exatamente em 1880, a primeira temporada de ópera francesa, na qual foram introduzidas em São Paulo duas das maiores jóias do teatro lírico francês, a *Carmen* de Bizet e *Mignon* de Ambroise Thomas. Uma terceira fase compreende a última década do século XIX (ainda no “S. José” e no “Politeama” após o incêndio do “S. José” ocorrido em 15 de fevereiro de 1898) e caracteriza-se sobretudo pela apresentação das óperas “veristas”, tão do gôsto “fim de século”, principalmente os trabalhos de Mascagni e Leoncavallo. Uma quarta fase, do início do século até a inauguração do Teatro Municipal, em 1911, caracterizada pela predominância das obras de Puccini, que chegara na Itália (e como reflexo também entre nós) a sobrepujar o próprio Verdi em popularidade. Finalmente em 1911 foi a capital paulistana dotada de um teatro à altura do desenvolvimento que estava tomando em São Paulo a arte lírica. A inauguração dêsse teatro, obra de Ramos de Azevedo, veio, pois, marcar uma nova era na vida artística de nossa cidade. “Os 40 anos de vida operística do “Municipal” — diz o dr. Paulo Cerquera — compreenderam naturalmente várias fases de esplendor. Todos os teatros do mundo têm atravessado períodos críticos; uns, ressurgiram das próprias cinzas; outros, superaram dificuldades econômicas e artísticas”. O Autor divide em duas grandes fases a existência do nosso “Municipal”: “Do ponto de vista social, o público das temporadas oficiais até 1930 diferiu bem do público que frequentou a ópera nos últimos 20 anos. A transição não foi brusca e, apesar do interregno de três anos, o reatamento das atividades líricas de cunho oficial em 1933 levou ao teatro um auditório de certo modo ainda representativo da nossa sociedade. Muita coisa mudara, porém, e as novas gerações de diletantes, embora entusiastas, ignoravam o que o Teatro Municipal significara para a Paulicéia de outros tempos, para uma elite que acontecimentos políticos dispersaram e substituíram pela mentalidade progressivamente adversa às tradições paulistanas” (pág. 73).

Naturalmente ninguém vai estranhar, folheando o livro do dr. Paulo Cerquera, a predominância impressionante das óperas italianas em São Paulo, principalmente as de Verdi, Puccini ou Donizetti. Esse predomínio é facilmente explicável, tanto pela influência étnica, de um lado, como pela maior acessibilidade da ópera italiana, de outro. Todavia, isso não deve de maneira alguma justificar o desprezo, que sempre existiu em nosso meio, pela ópera francesa ou alemã. As causas dessa situação são bastante complexas, difíceis de serem analisadas numa simples nota bibliográfica. Eis aqui, portanto, um dos muitos pontos sugeridos pelo livro em aprêço, dignos de melhor estudo. Outra coisa que impressiona, nas páginas dessa obra, é a quantidade de óperas, mesmo italianas, de valor incontestável, e que foram levadas à cena apenas uma ou duas vezes em nossa Capital, da mesma forma que impressiona o número de muitas outras (mesmo italianas, convém insistir), inteiramente ausentes de nossas temporadas. Assim, enquanto *D. Carlo*, *Nabucco*, *Orfeo e Euridice*, *Parsifal*, *Pescadores de pérolas*, *Príncipe Igor*, *Salomé*, *Tannhauser*, *Turandot*, *Hansel e Gretel* foram encenadas apenas duas vezes cada uma, enquanto os *Contos de Hoffmann*, *D. Quixote*, *Fanciulla del West*, o tritico pucciniano, o *Crepúsculo dos Deuses*, *Louise e Cavalleiro da rosa*, entre outras, não passaram da primeira representa-

ção (muitas ainda no século passado), temos, por outro lado, um número surpreendente de 76 Rigolettos, 71 Aidas e 68 Toscas... Autores existem, como Weber, que não conheceram nunca as honras duma representação em São Paulo... Deve-se notar, ainda, que as próprias óperas alemãs, como as de Wagner ou a *Marta*, ou as russas (*Boris*) e mesmo muitas francesas (*Faust*, *Manon*, *Carmen*) foram quase sempre cantadas na versão italiana. Abrem-se apenas algumas exceções, quando em 1922 o grande Weingartner trouxe o primeiro elenco alemão, ou quando em 1929 visitou São Paulo, pela primeira vez, uma companhia russa.

O livro do Dr. Cerquera tem, assim, um duplo interesse: o de livro-fonte para aquêles que quiserem conhecer a vida artística de São Paulo nesse setor do teatro lírico e o de livro de reminiscências para os apreciadores e freqüentadores de óperas que, por certo, se agradarão em recordar as temporadas do passado ou contemplar, nas caracterizações com que se exibiram nos palcos paulistanos, as grandes figuras de sua predileção na cena lírica. Como livro-fonte prestará sem dúvida um auxílio inestimável aos estudiosos da história de nossa quadricentenária capital. À sua margem poderá ser escrito um novo livro, de interpretação e de crítica à ópera como um "fato social" na vida de São Paulo. Para isto, estamos certos, ninguém mais autorizado e credenciado do que o próprio dr. Paulo Cerquera, cuja vida tem sido uma atividade constante em prol da cultura musical de nosso povo, através do rádio, da imprensa e agora do livro.

#### ODILON NOGUEIRA DE MATOS.

\*

AULICH (Werner). — *O Paraná e os Alemães — Ensaio histórico e caracterológico*. Edição da Comissão de Festas do Grupo Étnico Germânico do Paraná; Curitiba, 1953. 216 págs.

O ensaio *O Paraná e os Alemães* é uma contribuição do Grupo Étnico Germânico do Paraná aos festejos do Primeiro Centenário da Emancipação Política daquele Estado. O Autor procura estudar imparcialmente sob os pontos de vista histórico, sociológico e geográfico a atuação do elemento germânico no Paraná, dando uma visão de conjunto dos 130 anos da colonização alemã em terras paranaenses.

No primeiro capítulo o Autor estuda os "migrantes" germânicos. Focaliza os pontos que mais importância têm na colonização e aculturação. Em primeiro lugar chama a atenção sobre o conceito de elemento germânico. O conceito de elemento germânico deve ser entendido sob o ponto de vista da história cultural, "incluindo até mesmo aquêles que já não se dão conta das conjeturas e dos entrelaçamentos histórico-culturais em torno de sua origem". No caso da imigração no Paraná, como também em todo Sul do Brasil, nunca a amplidão desse conceito deve ser esquecido. Assim sendo, há naturalmente necessidade de um classificação do elemento germânico quanto à origem. O Autor distingue uma corrente européia, uma sul-americana, uma brasileira e finalmente correntes provenientes de outras áreas. O Autor mostra que essas últimas também merecem